

1010

Documentação

Fonte: O globo

Data: 9/3/99 Pg. 11

Class.: 398

Cães domésticos que ficaram ferozes ameaçam Parque Nacional de Brasília

Matilhas caçam animais silvestres, predando o alimento das espécies nativas

Ascânio Seleme

• BRASÍLIA. A pouco mais de 15 quilômetros do Palácio do Planalto, na noroeste do Plano Piloto, matilhas de cães que um dia foram domésticos e hoje são selvagens percorrem livremente o mais importante parque ecológico do cerrado. Segundo estimativas da administração do Parque Nacional de Brasília, são mais de três mil cães que vivem nos 30 mil hectares da reserva ou nas imediações. Eles caçam animais silvestres e ameaçam visitantes.

São predadores e perigosos. A execução dos pássaros, não há outra espécie que não seja ameaçada pelos cães. Eles caçam antas, tamanduás, raposas, veados, tatuís, lagartos, pacas e capivaras. E concorrem de forma também predatória com os canídeos (raposas e lobos), já que caçam em grupos, enquanto o lobo-guará, o cachorro-do-mato e a raposinha do cerrado buscam alimentos individualmente.

A ordem do Ibama, que administra o parque, é matar todo cão selvagem que for encontrado. Há incursões diárias de guardas florestais para a caça. Em média, dois são mortos por dia. Número inferior à estimada procriação.

As matilhas são hoje predominantes no parque. São formadas por grupos de dez a 30 cães. Organizada socialmente, cada matilha tem um líder e se comporta

de maneira particular à espécie. Por essa organização é que são capazes de caçar veados, animais muito mais rápidos do que eles. Nesse caso, um cão dá o primeiro combate enquanto dois grupos cercam as saídas da caça.

Os primeiros cães do parque aparecem em relatos de guardas-florestais ainda em 1966, poucos anos depois da inauguração da cidade. Desde então, segundo a engenheira florestal Cristiane Horowitz, funcionária da reserva, o número de cães tem aumentado de maneira preocupante. Há duas categorias de cães caçadores na reserva. Uma delas é formada por animais de segunda, terceira ou até quarta geração, cujos ancestrais um dia entraram no parque para buscar alimentos e dali jamais saíram. Esses cães vivem em grupos e fogem de qualquer tentativa de aproximação.

Há matilhas visitantes e grupos que vivem na reserva

O grupo predominante é de animais que perambulam pelo parque e não vivem necessariamente na reserva. São cães que pertencem ou pertenceram aos moradores das invasões e condomínios que cercam o parque. Muitos vivem nas imediações do lixão de Brasília. São mais violentos do que os que vivem na reserva, pois não se intimidam com a presença humana. Ao contrário, quando acuados, atacam.

— Os ataques aos funcionários do parque são tão corriqueiros que já não representam mais novidade. O que fazemos é atirar nesses animais para matar. Os guardas são orientados para matar, como manda a lei ambiental — explicou Cristiane.

Entre as espécies já vistas ou capturadas na reserva há dálmatas, poodles, perdigueiros, filas e labradores pretos. Esses, segundo Cristiane, seriam provenientes de condomínios de classe média na fronteira oeste do parque. A grande maioria, contudo, é formada por cães misturados, os autênticos vira-latas.

Além de caçar os animais silvestres, os cães transmitem doenças como a raiva e a leptospirose. Os que perambulam entre o lixão e o parque são também transmissores de verminoses. Os cães estão de tal forma implantados na reserva que seus vestígios são encontrados mesmo nos locais de mais difícil acesso. Por todo o parque são recolhidos semanalmente carcaças de animais mortos e devorados pelas matilhas. A direção do parque está estudando formas de exterminar esses cães ou controlar a entrada.

— Há dois projetos. O primeiro é induzir o cio de cadelas em locais pré-selecionados para atrair e matar os machos. O segundo, mais complicado, é colocar cerca eletrificadas em torno do parque — explicou Cristiane. ■